

Carta de Joaquim Nabuco ao Almirante Jaceguai*

JOAQUIM NABUCO

Rio de Janeiro, em 15 de abril de 1899.

Meu caro Jaceguai,

Deixe-me felicitá-lo pela sua patriótica idéia de reunir os que ainda restam da campanha parauaia, os nossos *reduci delle patrie battaglie*, das três gerações de 1860 a 1890, os que tiveram incomparavelmente a mais bela parte. A honra de ter servido no Paraguai é a única verdadeira auréola que hoje tenham brasileiros; é a glória indisputada, aquela que tem cicatrizes e promoções no campo de batalha para contrastar as mutilações da calúnia e as baixas da inveja. Todos esses foram, pelo menos, em sua vida, anos (o que os outros não conseguiram bem sequer em um mo-

mento de alucinação) brasileiros, por inteiro, na integridade do seu ser, das suas aspirações, do seu sangue. A união dos que fizeram juntos aquela campanha, dos que conservam o traço indelével dessa camaradagem patriótica, figura-se-me no dia de hoje a invocação do espírito que fez grande e digna a nossa pátria, para conjurar a inércia, a apatia, o entibramento de todo ideal, com que a atual geração a está vendo morrer...

Podem os partidos na luta política achar-me em contradições com eles; ainda não me acharam, porém, incoerente comigo mesmo, com meus próprios sentimentos, que são os ideais a que servi.

* N.R.: Artur Silveira da Mota, Barão de Jaceguai, amigo dos mais chegados de Nabuco, cobriu-se de louros na mocidade, destacando-se na Guerra do Paraguai em diversos combates e principalmente na Passagem de Humaitá, que ele foi o primeiro a transpor com seu navio. Escreveu suas memórias sob o título *De Aspirante a Almirante*. Foi membro da Academia de Letras.

Foi assim que, no primeiro documento, de 1890, em que me recusei a aderir à República, em plena ditadura militar, depois de dizer: "Não é preciso ser republicano sob a República, como não era preciso sob a Monarquia ser monarquista, para cumprir os deveres de um bom brasileiro; basta ter clara a noção de que nunca se tem o direito de prejudicar a Pátria para prejudicar o governo...", eu acrescentava: "Eu julgo descobrir a Providência especial que protege o nosso país contra a Nemesis Africana" (referia-me à insurreição do escravagismo contra a lei de 13 de maio tomando a forma republicana), "no fato

de ter sido a revolução feita pelo Exército de modo que nem um instante estremecesse a unidade nacional, e o meu mais ardente voto é que se mantenha acima de tudo a unidade do espírito militar que considero equivalente àquela." E pese bem, meu caro Mota, lembrando-se dos acontecimentos posteriores, essas palavras escritas em 1890: "Para mim não era objeto de dúvida que no dia em que abandonássemos o princípio monárquico, permanente, neutro, desinteressado e nacional, teríamos forçosamente que substituí-lo pelo elemento que oferecesse à Nação o maior número daqueles requisitos, e esse era exatamente o militar... Ninguém mais do que eu respeitou nunca a farda do nosso soldado. Ainda o ano passado subi o Paraguai até Assunção levado pelo desejo de fixar minha imaginação nos próprios lugares da sua glória e recolher vinte e tantos anos-depois o bafoejo imortal de patriotismo que se desprende daquele imenso túmulo para vencido-

res e vencidos igualmente... Por isso ninguém mais ardentemente do que eu desejava que a revolução de 15 de Novembro não atinja o único substituto *nacional* possível do prestígio monárquico, o militar, o qual depende antes de tudo da união das duas classes, depois da unidade da disciplina, e por último de abnegação, isto é, de colocar o Exército, a Pátria, acima de toda e qualquer superstição política, e de não abdicar sua responsabilidade em nenhuma classe, muito menos na classe política, exploradora de todas." Exploradora de todas, dizia eu, lembrando-me do apoio que ela

prometia à lavoura e da posição a que reduzira o Exército... Isso era escrito em 1890. Que é que respira essa página? O dever de colocar a Pátria acima de toda e qualquer superstição política, como eu dizia, e está claro que eu não pediria aos republicanos que elevassem a Pátria acima da República sem mostrar-lhes que eu, pela minha parte, sabia tam-

bém elevá-la acima da Monarquia... É nesses sentimentos que me inspiro em tudo quanto escrevo desde então, sentimento condensado nos belos versos que uma vez repeti do poeta da Gália devastada:

*Securos levius crimen conten nere cives:
Privatam repetunt publica damna fidem.*

"É crime menor esquecer os seus concidadãos na tranqüilidade; o infortúnio público reclama, porém, a fidelidade de todos."

Ainda uma citação far-lhe-ei, meu caro amigo. É do meu livro *Intervenção Estrangeira durante a Revolta*; eu digo que a

**A união dos que fizeram
juntos aquela campanha
figura-se-me no dia de hoje
a invocação do espírito que
fez grande e digna a nossa
pátria, para conjurar a
inércia, a apatia, o
entibramento de todo ideal,
com que a atual geração a
está vendo morrer...**

revolta não foi o encontro face das duas opiniões, a monárquica e a republicana, e acrescento: "A verdade é que as duas opiniões não se encontraram ainda, e se elas têm um dia que se encontrar, pode-se ter certeza de que não será num campo de batalha; não serão inimigas, nem armadas: serão cobertas do mesmo luto, feridas pelo mesmo golpe, prostradas pelo mesmo infortúnio, apelando sinceramente, desinteressadamente, corajosamente, uma para a outra, talvez infelizmente tarde demais, como os patriotas italianos que só ouviram a voz de Dante e de Petrarca, pregando a união, quando já os franceses e os espanhóis tinham invadido o país e as tropas alemãs se haviam apossado de Roma."

Como vê, meu caro Jaceguai, não foi à última hora, foi logo desde a primeira que continuei minha marcha sob a República pela mesma estrada, a cavaleiro dos partidos em que andei sempre sob a Monarquia, única estrada que o Imperador trilhou em seu reinado, posso dizê-lo perante veteranos do Paraguai. É por isso para mim um verdadeiro regozijo assistir a um movimento como este, a este ressurgir da religião da Pátria, no momento em que o fogo sagrado se ia apagando e com ele talvez a defesa dos lares nacionais... Nobres, grandes objetos se lhe depaíram... Mas para isso é preciso que o espírito de pátria se mostre inacessível às invasões, à corrupção da política; é preciso que em torno das reliquias

da bandeira do Passo da Pátria, de Humaitá, de Lomas Valentinas, da Cordilheira, se possam todos reunir... "Receio muito — disse eu uma vez, num panfleto — que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o túmulo emprestado ao último representante da nossa Monarquia, se reconheça que ele foi sepultado, à moda dos heróis antigos, com o que mais caro lhe fora em vida: a liberdade e a unidade de seu país." À margem o Imperador, que hoje seria dos vossos, se vivesse, escreveu a

lápiz: "Não! Nunca!" Pois bem, para que esse *nunca*! Venha a triunfar dos meus receios, é preciso que a voz da Pátria abafe em nosso país todas as outras... Esse é o papel da associação, gloriosa, antes mesmo de nascer, que afinal agora se constitui... Só ela quase tem o direito de invocar o nome de pátria; só ela provou ter o sentimento que parece a todos o mais belo, mas pelo qual verdadeiramente bem poucos fazem o sacrifício de si mesmos... É assim com os meus sentimentos de sempre que saúdo

**Tudo mais figura-se-me
estéril, insignificante,
bizantino, perante o perigo
nacional iminente. O que
me traz algum conforto,
alguma esperança, são
afirmações como esta de
que ainda não morreu
entre nós o ideal de pátria,
não de pátria política, mas
de pátria composta de um
corpo, que é o território, e
de uma alma, que é a
raça...**

os heróis do Paraguai reunidos ao seu aceno. Cabia a honra de os convocar àquele de cuja estrela dependeu a mais arriscada talvez de todas as ações daquela campanha, e cuja figura a posteridade brasileira verá sempre através da fumaça e sob a chuva de balas de Humaitá... Compararam-me a Bazaine por ter aceitado do governo da República o encargo de pleitear o direito do Brasil numa questão de fronteiras naci-

onais, isto é, uma causa como Chateaubriand teria aceitado das mãos de Luís Filipe, Thiers ou Berryer das mãos de Napoleão III, o Duque de Broglie das mãos do atual governo republicano... Bezaine, porém, exprime na história militar a hesitação do patriotismo sob a influência do partido, isto é, o estado de espírito dos que me acusam, e não o meu que está resumido na resposta do Duque de Aumale, quando Bazaine lhe dizia não saber ao serviço de quem pusesse a espada por não ter ficado nada de pé: "Havia a França, senhor."

A salvação do nosso país dos transe mortais em que entrou está exclusivamente na formação de uma corrente patriótica irresistível... Só o patriotismo pode fazer esse milagre; tudo mais são alternativas políticas sem alcance, que só satisfariam os próprios partidários... Uma corrente patriótica que leva de vencida todas as estreitezas e exclusivismos das fórmulas opostas, das seitas contrárias, todos os antagonismos partidários ou pessoais, é a única, a última esperança de salvação nacional... Estamos no momento supremo, aquele que vai decidir do futuro da Nação, e é em tal momento, e não depois de proferido o *consummatum est*, o *tudo está cumprido*, que a energia moral que nos reste pode reagir contra o desfecho provável. Não são muitos ainda os que estão convencidos, como eu, de que o País está sendo arrastado insensivelmente para um centro de perturbações de que só a intensidade de patriotismo podê-lo-á tirar incólume... Daí a importância que dei sempre ao espiri-

to de tolerância e à supremacia do instinto de pátria sobre as dissensões partidárias...

Tudo mais figura-se-me estéril, insignificante, bizantino, perante o perigo nacional iminente. O que me traz algum conforto, alguma esperança, são afirmações como esta de que ainda não morreu entre nós o ideal de pátria, não de pátria política, mas de pátria territorial, isto é, de pátria composta de um corpo, que é o território, e de uma alma, que é a raça...

Quanto à nova Associação, meu caro Jaceguai, para que ela preste a esse ideal o mais assinalado serviço, basta que ela avive as suas lembranças e reminiscências e as reproduza para exemplo das novas gerações... No seu seio, se se puderem todos reunir, o País encontrará alguns dos seus nomes mais ilustres... O espírito que os há de animar quando reunidos será o espírito que dominava a Caxias, a Osório, a Porto Alegre, a Tamandaré, a Barroso, a Inhaúma. Eu, pela minha parte, tendo passado anos ultimamente a estudar essa mais bela página da nossa história nacional, vejo com inexprimível satisfação esta tentativa para não deixá-la de todo esquecer. Pudes-se vir daí o alento à energia patriótica de que o País precisa para salvar-se e cada um desses veteranos do Paraguai teria prestado à própria existência nacional um serviço igual aos maiores que registra a sua fé de ofício.

Creia-me, sempre, meu caro Jaceguai, muito afetuosamente seu

JOAQUIM NABUCO.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<VALORES> / Patriotismo /; Nabuco, Joaquim; Barão de Jaceguai;